

## ***Conversatio* Monástica**

### **Um Caminho para a Identidade Humana e Cristã\***

**Dom Bernardo Bonowitz**  
**Abade do Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo**

Todos os teólogos monásticos clássicos – Evágrio, Cassiano, Bento, Bernardo – pensam na vida monástica em termos de um desenvolvimento progressivo rumo a uma plenitude da existência humana. Para todos eles, os primeiros passos neste processo são mais ou menos idênticos: conversão, separação do mundo, assumir uma *politeia* monástica ou *conversatio*. Da mesma forma, para todos estes pensadores o final do processo se manifesta de modo muito similar: a contemplação de Deus nas suas criaturas (*theoria physiké*), contemplação direta da Santíssima Trindade, vida eterna nesta vida. Onde eles diferem é no meio do caminho. Isto é: Qual é a meta próxima do estilo de vida ascético (a *conversatio*)? A que esta meta se abre? Como exatamente passamos da ascese à contemplação de Deus?

De fato, cada um destes monges elaborou um “mapa do tesouro”, que levava das simples práticas monásticas às alturas da contemplação. Todos eles estavam de acordo que havia um ponto que absolutamente *tinha* de ser atingido (o *skopos*, o objetivo imediato) a fim de se proceder ao encontro do tesouro, um ponto que não era o tesouro em si, mas que praticamente garantia a sua aquisição. O ponto marcava o *finis* do trabalho ascético – o término, o propósito e o critério de avaliação da empreitada ascética. É para *isto* que o monge jejua, trabalha, obedece, lê, reza, abnega-se. E o que é este “isto”? Cada um destes autores tinha um nome para este ponto de virada. Evágrio o chamava *apatheia* – a perdurável liberdade pacífica dos movimentos passionais na alma. Cassiano a denominava *puritas cordis*. S. Bento a via como *humilitas*. E para S. Bernardo o nome deste ponto era *veritas*. Seria possível tratar estes quatro termos como equivalentes ou como, no máximo, variações levemente nuançadas de uma única ideia. Mas como alguém que passou muitos anos lendo S. Bernardo (no início como um ato ascético, um ato de obediência ao meu abade quando eu era noviço), eu acredito que esta noção da *verdade* como meta do empreendimento ascético é substancialmente diferente da de outros autores (especificamente Evágrio e Cassiano) e que, tanto humana quanto “cristãmente”, é a mais abrangente e que mais nos ajuda em nosso caminho.

Como um de seus mestres, S. Agostinho, Bernardo sempre viu a realidade como algo *peçoal* e *relacional* – poderíamos dizer, ele sempre experimentou o elo com a realidade como um elo de amor. O mundo das coisas, e mesmo o mundo da natureza, interessavam-lhe pouco. O que o cativava era a vivência por parte do ser humano de três amores “inevitáveis”. Para Bernardo, há três amores inevitáveis porque há três pessoas com as quais estamos sempre e inescapavelmente em relação: eu mesmo, o outro e Deus. Nenhuma destas relações pode ser sacrificada, nenhuma delas deveria ser preferida à outra. É uma questão de se viver cada uma destas relações na verdade, e, de fato, cada uma destas relações tem um tipo particular de verdade e pede um tipo particular de ascese.

Começamos com a relação eu-eu, que para S. Bernardo é sempre o ponto de partida. Para ele é claro que todos os nossos relacionamentos são altamente influenciados pela nossa experiência de nós mesmos. Todas as nossas outras experiências pessoais são filtradas através da experiência que temos de nós mesmos. É por isto que uma experiência purificada de si mesmo – uma experiência de nós mesmos na verdade – é tão inestimável. Até que atinjamos a verdade sobre nós mesmos, jamais tocaremos a verdade de nosso próximo, nem a verdade de Deus.

Quais são as práticas que nos levam à verdade de nós mesmos, a ser presentes a nós mesmos “em espírito e verdade”? Há muitos textos nos quais S. Bernardo insta seus monges a praticarem certa austeridade física e muitos aonde ele os encoraja a não se desanimarem por causa dos rigores da vida monástica. Mas de fato, para Bernardo, a ascese que conduz ao encontro com o eu tal como ele genuinamente é, é a *interioridade*. Seu conselho mais básico para aqueles que querem “se encontrar” é de

---

\* Palestra proferida na PUC-SP em 05 de março de 2009.

fazer tudo para não fugirem de si mesmos. Podemos ver isto como o centro do voto monástico de estabilidade. Alguns monges tem a estabilidade na sua cela (cartuxos), outros no claustro do mosteiro (cistercienses), alguns permanecem na sua comunidade de profissão até a sua morte, e outros vão a qualquer mosteiro da ordem para o qual sejam enviados, mas em todos estes casos, o propósito da estabilidade é o de unir-se a si mesmo. S. Gregório Magno descreveu famosamente a S. Bento como o homem que *habitavit secum* – que vivia consigo mesmo – e esta não é uma tarefa fácil ou automática. Estar presente a si mesmo normalmente gera desconforto e o desejo de se tirar férias do conhecimento de si mesmo. Entretanto, como já foi dito, o objetivo primeiro de todas as práticas monásticas é a experiência da própria verdade. Concretamente, como chegar lá? Através das práticas de *silêncio* e *solidão*, através da *leitura de textos sagrados* e da *oração*. Acima de tudo, através da recusa de abandonar a si mesmo através da *curiositas*. Cada xeretada desnecessária fora de nós mesmos é uma distração que freia e que torna menos efetivo o processo de se ir ao encontro da própria verdade. Vocês poderiam perguntar: “E o que dizer da minha responsabilidade para com meu próximo e a sociedade?” Nós dois, Bernardos, respondemos em uníssono: “Paciência”. Isto fica para mais tarde.

Silêncio, solidão, *lectio divina*, oração, são exercícios dinâmicos. Elas não são atividades tranquilas ou apaziguantes; pelo contrário, elas são perturbadoras. Elas nos impelem a conhecermos sobre nós mesmos aquilo que já sabíamos acerca de nós mesmos, mas que fizemos um pacto para não saber. Elas lançam luz sobre os compartimentos lacrados de nossas experiências de nós mesmos. E esta luz não simplesmente revela fatos desagradáveis ou vergonhosos acerca de nós mesmos. Esta luz sacode com uma tremenda e irresistível força o conceito de nós mesmos que havíamos formado há muito tempo atrás, o conceito confortável, lisonjeador de nós mesmos que fazia de nós seres especiais, autênticos, decentes, benévolos num mundo de (muitos) malandros. S. Bernardo no seu Tratado sobre os Graus da Humildade e da Soberba (de onde muito do material desta conferência provem), diz que a pessoa que ainda não se conhece passa o dia inteiro cantarolando as palavras do Sl 15: “*Omnis homo mendax*” (Todo homem é mentiroso). O problema é que inconscientemente o cantor se exclui da contagem. Ele não se dá conta que ele está sempre acrescentando: “Todo mundo menos eu”. Mas as práticas de silêncio e solidão são impiedosas. Você não as pode viver com seriedade sem penetrar cada vez mais profundamente nas suas motivações, nas suas fantasias, nas suas loucuras. Elas se lançam sobre a gente e se revelam em momentos desprotegidos. Eu poderia ler para vocês todo um pergaminho de horrores a respeito de mim mesmo que vim a conhecer porque tentei praticar ficar de boca fechada e com o coração em silêncio. Quando um monge tenta fazê-lo, o resultado por muitos anos não é paz e tranquilidade, mas os sons da própria bicharada interior (Guilherme de St-Thierry: jaula). Na minha comunidade, com seus muitos monges jovens, a mais difícil prática ascética de todas é a do silêncio. Eles se dizem que estão sendo sociáveis; eu os digo que eles estão inutilmente adiando o inevitável.

O “inevitável” quando ele começa a se declarar (depois de vários meses de mal estar generalizado) é o confronto da própria finitude (criaturidade), o quase invencível egoísmo, violência, pretensão/auto-importância, indiferença a tudo aquilo que não é si próprio, ingratidão radical a Deus, fantasia de viver ao centro das coisas, de *ser* o centro das coisas (isto mesmo, o centro das coisas). Evidentemente, esta não é toda a história do ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus. Mas é o lado escuro, o lado real e escuro de nossa humanidade e é o que está por trás de todas as guerras, de toda desigualdade econômica, de toda maledicência cotidiana, de toda nossa incapacidade de fazer algo do tipo de uma colaboração mundial contra o aquecimento global ou a fome na África e toda nossa *Schadenfreude*. É o podre em nós que tem vivido por muito tempo sob uma rocha e que a ascese da interioridade atraiu para fora da sua toca. Como podemos descrever esta experiência da verdade sobre nós mesmos? Antes de tudo, deve-se dizer que tal experiência, ao invés de quebrar a comunhão, a constrói – Balduino de Ford, um contemporâneo de S. Bernardo, disse que nossa primeira comunhão é “*communio miseriae*”, comunhão na miséria. Bernardo chama esta experiência de “compunção”. Somos perfurados, somos desinflados, cessamos de ser a exceção à falsidade generalizada do mundo, vemos que faz tanto sentido andar desconfiados de nós mesmos quanto dos outros. Por mais estranho que seja, este autoconhecimento, quando ele finalmente vem com todo o seu peso, é pacificador. Enquanto resistíamos, enquanto era ainda possível (através de um imenso gasto de energia) de manter este conhecimento de nós a uma certa distância, ele era terrível. Agora que finalmente veio, não é insuportável. Por quê? Primeiramente, como gosto de sustentar, mesmo uma verdade feia é preferível a uma mentira bonita; mais importante, porém, é o fato de que, para Bernardo, esta experiência

de nós mesmos é o fruto da ação do *Christus Veritas*. Desde o início, ele era o poder no silêncio e na solidão, nas Escrituras e na oração. É ele quem tem cavado o seu caminho até o centro do nosso coração – ele como a verdade acerca de nós mesmos. E uma vez que ele a empreendeu até o centro, ele não nos deixa entregues aos nossos próprios recursos. Ele permanece em nós como perdão, aceitação, o amante de nossas lágrimas, o companheiro interior.

Assim, o primeiro motivo pelo qual nos submetemos a uma disciplina e deixamos a distração de lado como estilo de vida é para nos conhecer a nós mesmos como somos – nobres e vis, capazes de tudo (*mysterium sanctitatis et iniquitatis*) – e de descobrir que este conhecimento é salvífico – porque é o Cristo espelhando-se em todos os cantos de nosso ser interior.

A verdade sobre nós mesmos que é a consequência da disciplina da interioridade não pára com o autoconhecimento. Ela se dissemina no relacionamento com o nosso próximo. Nosso próximo nunca esteve completamente fora de nosso olhar – sempre o mantivemos à vista, pelo menos com o rabo do olho – mas até agora tinha sido espiritualmente perigoso prestar muita atenção nele. Até então, este conhecimento tinha sido “contaminado” por fins autocentrados, principalmente, a preservação de nosso mito pessoal a respeito de nós mesmos. Nosso próximo vinha sendo o objeto de nossa observação afiada, crítica: sem fazer esforço, percebemos todas as maneiras que ele deixa a desejar em relação à norma que estabelecemos para ele. Pode ser que por um breve período nossa tendência fosse a de adúl-lo(a), porém mais cedo ou mais tarde nós identificamos as múltiplas imperfeições da pessoa e o próximo se torna, em certa medida, o inimigo.

Quando, através do silêncio e da solidão nós percebemos que merecemos estas mesmas críticas assim como nosso próximo, uma profunda mudança ocorre em nosso relacionamento com ele. Enquanto insistimos naquilo que Bernardo chama de “amor de nossa própria excelência”, o nosso ser extra-ordinário *amor excellentiae nostrae*, o outro será visto como desprezível. A respeito do outro e de suas falhas, temos um olho de águia. Quando, entretanto, através do autoconhecimento, o “balão de nossa ilusão” é perfurado (outra expressão bernardiana), uma nova docilidade para com nosso próximo surge dentro de nós. Num instante de intuição, reconhecemos que seu drama é idêntico ao nosso: ele vive também seu mito de especialidade, sua tentativa de justificar esta auto-avaliação, sua cegueira voluntariosa à sua incoerência, sua batalha perdida contra as investidas da verdade, seu quase desespero ao lhe ser revelado sua pobreza moral. Tudo isto provoca certa ternura em nós, um sentimento de que este coitado é nosso irmão (ou até gêmeo) e que verdadeiramente somos seu guardião. Sentimos um impulso poderoso e instintivo de cobrir a sua nudez e de não mais expô-la. Para Bernardo, esta é a segunda verdade que nasce da humildade de se viver conosco mesmos, e seu nome é *compaixão*. O outro é agora percebido e sentido como sendo o “parceiro de nossa natureza” (*socius naturae nostrae*). Como podemos cuidar dele?

Bernardo vê cada uma destas três verdades interpessoais como sendo presididas pelas três pessoas da Santíssima Trindade. No caso da verdade a respeito de nós mesmos (compunção), foi o Verbo, mais afiado e penetrante do que uma espada de dois gumes, que perfura nossa pretensão. Aqui, em relação ao nosso próximo, quem preside é o Espírito Santo. Usando um lugar comum tirado dos bestiários medievais, Bernardo afirma que o óleo esfregado na pele de um animal a esticará até dobrar o seu tamanho. O Espírito Santo é precisamente este *oleum sanctum*. Esfregado na pele de nossos corações, o Espírito multiplica as capacidades de nossos corações por dois, tanto em termos de sentimento quanto em termos de ação. Quando, após o banho purificador do Verbo, somos unguídos com o óleo do Espírito, espontaneamente experimentamos interesse por nós mesmos e uns pelos outros – nós mesmos e o nosso próximo, aquele que está mais perto de nós no momento e que tem necessidade de nós. Mas este interesse não se restringe a uma experiência emocional de simpatia. Como seres genuinamente expandidos pela infusão da forma da verdade particular ao Espírito (compaixão), trazemos o próximo dentro de nós (e em nossos ombros) no campo prático. Este é o momento quando uma ascese da interioridade é completada por uma ascese da exterioridade, quando, juntamente com o silêncio e a solidão que nos leva à lembrança de nós mesmos, há o novo *auto-esquecimento do serviço*. Formam-se em nós novos olhos que nos permitem ver as necessidades – materiais, emocionais, espirituais – daqueles com os quais vivemos e uma nova e entusiasta generosidade nos leva a assumir e a resolver os fardos de nossos *socii*. Este segundo nível da ascese pode ser descrito como a assunção das obras de misericórdia, corporais e espirituais, como um modo estável de vida. Escriturísticamente, está resumido em At 10,38, onde se diz que Jesus “passava fazendo o bem”. De fato, é

esta segunda verdade, compaixão para com nosso próximo, que domina os relatos a respeito de Jesus nos Evangelhos Sinóticos. Ensino, cura, alimentação, exorcismo, perdão – todos são expressões do ser humano que vive pela verdade da compaixão. Não é por acaso que este ministério compassivo de Jesus se inicia após o encontro com o que há de potencialmente pior em si mesmo, quando ele é tentado pelo maligno no deserto (o primeiro grau da Verdade, Evangelho de domingo passado) e igualmente não é por acaso que os Evangelhos afirmam repetidas vezes que Jesus saía realizando estas obras “no poder do Espírito Santo” (segundo grau da Verdade).

S. Bernardo iria querer enfatizar que, assim como não é automático que nossa razão se abra à luz do Verbo, capacitando-nos ver nossa própria pobreza, assim também não é automático que nossa vontade receba o calor do Espírito Santo que nos orienta compassivamente ao próximo. Este também é um trabalho ascético e um dos mais difíceis: a perpétua reorientação de nossa vontade pessoal (*voluntas propria*) à vontade do Espírito Santo, a fim de que seu divino amor pela humanidade se possa expressar em nossos sentimentos e ações. Tanto fortemente quanto pudermos sentir nossa humanidade comum, sempre há um retrocesso rumo ao bem privado, à tendência de “inatentividade” a respeito de nosso próximo e até mesmo um prazer malicioso de se estar “por cima” quando tantos estão “por baixo”. É neste contexto que a ascese inicial, especialmente a leitura da Escritura e a oração, se mostram novamente indispensáveis. Estas disciplinas irradiam nossa consciência com a luz de Cristo, e nos chamam vez após outra para fora da imersão em nós mesmos e renova a convicção de que nós fomos criados a fim de servir a Deus no próximo.

A propósito, talvez seja interessante para vocês saberem que esta evolução acompanha a cronologia monástica normal. Isto é, é típico do noviço lutar com todas as suas forças para se abrir à verdade do seu ser que Cristo lhe manifesta interiormente, ao habitá-lo (por esta razão Bernardo diz: “O trabalho do noviço é chorar”) e é típico do professo temporário observar o nascimento de uma consciência das alegrias e dores dos outros, tanto dentro quanto fora da comunidade e desejar fazer aquilo que pode para responder a elas.

Sem dúvida, para Bernardo, assim como para todo teólogo, as pessoas mais “reais” são as pessoas da Santíssima Trindade. A terceira verdade é o encontro com elas. Como vimos, Cristo é encontrado de uma maneira profunda na própria experiência que o eu faz de si mesmo: ele é a verdade que conecta e revela o eu ao eu. O Espírito Santo é encontrado e acolhido como a fonte daquilo que tem sido chamado o “êxtase horizontal”, a saída do eu para o próximo. É ele que estamos experimentando cada vez que há uma unidade construída que seja mais interpessoal do que intrapessoal, isto é, toda vez que o amor faz de duas pessoas, uma. O Deus que ainda falta ser encontrado é o Pai. Ele não é a verdade do eu, Ele não é o afeto entre duas pessoas humanas. Ele é o Mistério transcendente: Aquele que “ninguém viu e ninguém jamais verá, que habita em luz inacessível”. Mesmo assim, para Bernardo, é o cume do nosso destino encontrá-Lo e unir-nos a Ele.

No seu tratado sobre os Graus da Humildade e da Soberba, Bernardo diz que não é possível ao Pai descer a nós (isto é, em Si mesmo: é exatamente aquilo que Ele *faz* no Filho e no Espírito, a quem S. Irineu nomeia como as duas “mãos” pelas quais o Pai é ativo no mundo). Naquele caso, a única possibilidade é que Ele nos eleve a Si. É precisamente assim que Ele age quando nos introduz na terceira verdade, a da *contemplação*. Ele nos “rapta” para junto de Si, Ele nos eleva para fora de nossas maneiras ordinárias de conhecer e de experimentar e une a Si todos os fios de nosso intelecto e de nosso coração.

Desde o início do esforço individual monástico, este tem sido a secreta e ardente esperança do monge: ver a Deus, ver a própria verdade diretamente – não como refratada em mim ou em meu próximo ou em qualquer outra criatura, mas em si mesma. Há um consenso de que se existe uma bem aventurança monástica entre as oito, esta é: “Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”. Mas a simples pureza de coração não é uma receita para apoderar-nos desta bem aventurança. Nós não podemos forçar Deus a revelar-Se. Nunca podemos pular suficientemente alto por conta própria para tocá-Lo, seja pelo esforço ascético, humildade ou amor ao próximo. Ainda assim vimos que cada uma destas instâncias misteriosamente “prepara” o próximo passo. As práticas interiores e exteriores de ascese, empreendidas inicialmente com uma esperança inconsciente de que elas realizariam o projeto de nossa autoperfeição, paradoxalmente nos levam a uma experiência de nossa *miseria* e da *misericórdia* de Deus que é seu gratuito correlato. O intenso encontro com tudo aquilo que é pobre e deficiente em nós mesmos, ao invés de nos inserir numa depressão autocentrada, abre a porta para uma comunhão compassiva com o próximo e com todos os próximos, com toda a humanidade. Agora descobrimos que o amor ao próximo, com toda a sua

nobreza, não é a conclusão, o ponto de repouso. Amor para com ele é, na verdade, como já foi dito, um “êxtase horizontal” – ele nos desloca de nós mesmos – mas descobrimos que uma vez fora de nossa própria pele, nós não nos encaixamos na pele – cabemos – do próximo. Podemos tomá-lo para dentro de nossa preocupação (*concern*), mas não encaixamo-nos nele. Ele não tem suficiente capacidade para nos receber, nem é suficientemente grande para nos satisfazer (cf. *Summa la Ilae*, sobre a felicidade). Nosso amor e serviço a ele é uma grande responsabilidade e uma grande alegria, mas ele não é nossa realização. E não obstante ele nos ensina o caminho da autotranscendência, e por causa dele, e juntamente com ele, olhamos para o alto, para o êxtase vertical, para Deus, a fonte e completude do nosso ser. Este *olhar para o alto*, cheio de saudade, pode ser considerado o terceiro modo da ascese, que é simplesmente “desejo”. S. Bento na sua Regra diz que devemos desejar a vida eterna “com toda força de nosso desejo espiritual” (*cum omni concupiscentia spiritali*) e S. Bernardo e seus seguidores falam da “unificação do desejo”, a unicidade do desejo. Esta unicidade do desejo, por sua vez, coincide com aquilo que toda a tradição monástica chama de *memoria Dei*, lembrança de Deus. Quando uma pessoa realmente vive na lembrança de Deus, Deus se torna o pensamento subjacente de todos os seus pensamentos, a pré-ocupação de todas as suas ocupações. Ele sempre está ali em nossa consciência, imediatamente abaixo da superfície, sustentando a superfície. E tão logo você arranhe a superfície, isto é, tão logo você explore o menor pedacinho abaixo do superficial, você se choca com Ele, como o suporte e a união de toda a multiplicidade de nossos interesses humanos. Esta memória pode parecer muito quiescente, muito não-emotiva, mas o fato é que ela está sempre pronta para transformar-se em chama. A qualquer momento esta memória se torna consciente de si mesma, ela se une à vontade e se torna um desejo ardente de posse e de união.

Esta persistência de Deus no desejo e na memória é metade desta ascese final. A outra metade é *paciência*, disposição para esperar, indisposição para forçar a barra. Nada horroriza mais S. Bernardo que a ideia de “invadir” Deus, de ir atrás de Deus como uma fonte de prazeres espirituais e realizações, de “explorá-Lo” para nossa própria satisfação. O fato de que nós o desejamos intensamente, isto sim – para Bernardo, nada pode ser mais natural do que isto: afinal, Ele é a suprema bondade, beleza e verdade. Como não desejá-Lo? Além disto cada teólogo patrístico tem constantemente afirmado que este desejo apaixonado de Deus foi inserido dentro de nós pelo próprio Deus e é, na verdade, aquilo que é mais característico de nossa natureza: *homo desiderans Deum*. Mas esta fome e sede de Deus é algo inteiramente diferente do que coisificar Deus a fim de se ver o que se pode obter Dele. Agir deste modo realmente seria permanecer no centro das coisas, enquanto que S. Bernardo ensina que devemos chegar à tamanha maturidade espiritual que o amor próprio que sentimos por nós mesmos é simplesmente a expressão de um amor mais primordial e mais forte que sentimos por Deus. Assim, desejo e desprendimento juntos compreendem a terceira ascese. Este desprendimento nunca diminui o desejo; ele simplesmente o torna infinitamente mais respeitoso e até mesmo adorativo. E de vez em quando (rara e brevemente, diz S. Bernardo, certamente falando da sua própria experiência) o Pai de fato nos eleva ao círculo do Seu ser, além do pensamento reflexivo, além de um ato de amor consciente de si mesmo, além de qualquer descrição posterior adequada. Não obstante a freqüência (ou infreqüência) com que tais experiências ocorram, cada vez ela nos muda radical e permanentemente e nos torna cada vez mais “aptos” a uma experiência subsequente, caso Deus se digne concedê-la. Isto é a nova criação se realizando pouco a pouco. S. Bernardo, que tanto amava refletir e se comunicar, nunca podia ser persuadido a falar sobre “a quê elas – tais experiências – se pareciam”. Assim como outro de seus modelos, S. Paulo, disse que lhe fora concedido ouvir coisas que “não é lícito” ao homem falar, Bernardo, questionado sobre sua experiência mística, sempre respondeu nas palavras de Isaías: “*Secretum meum mihi. Secretum meum mihi*”.

Quando me foi pedido dar esta conferência vários meses atrás, soube imediatamente que tipo de conferência eu *não* queria dar. Eu não queria dar uma conferência sobre práticas monásticas ou espiritualidade na linha da revista “Seleções”. Lá, os valores mais profundos são sempre instrumentalizados a serviço da saúde, longevidade ou prosperidade. Reze dez minutos por dia, porque estudos recentes mostram que a pessoa que reza vive em média 7 anos a mais do que a pessoa que não reza. Cultive amizades, porque a pessoa que cultiva amizades tem menos “colesterol ruim” do que a pessoa que não cultiva. O mesmo problema existe, penso eu, na premissa do livro “O Monge e o Executivo”. Aproveite da antiga, esotérica e todavia fundamentalmente simples, sabedoria monástica a fim de se tornar o gerente dos seus sonhos e dos sonhos de seus empregados. Imagino que vocês estejam familiares com a distinção entre *uti* e *frui*. *Uti* é um modo de agir que sempre tem em mente uma meta além de si mesma: é útil, porque

nos leva para aquilo que realmente desejamos. *Fruí* é um modo de agir que não tem outra meta em mente a não ser si mesmo. S. Bernardo expressa isto de um modo muito famoso no dizer: *Amo quia amo; amo ut amem*. Amo porque amo. Amo para amar. Quando se chega ao *fruí*, a atividade é seu próprio motivo e sua própria meta.

Eu não quero apresentar uma visão da vida monástica pela qual você sairia deste auditório um pouco mais capaz de fazer as coisas que realmente são importantes – perder peso, tornar-se popular, controlar o seu batimento cardíaco, aumentar o número de *bytes* do seu banco de dados interior. Na visão de Bernardo, a vida monástica é importante porque ela nos conecta em verdade e amor com as três grandes preciosidades – com nossa própria humanidade, com outros seres humanos, e com Deus, o mistério ao coração do universo. Ele acredita, como eu acredito, que a vivência desta tríplice comunhão autenticamente já é beatitude e que é *esta* beatitude que no fundo todo ser humano deseja.

Deixe-me, em conclusão, re-afirmar alguns poucos pontos centrais:

1. Ascese corporal (silêncio, solidão, vigílias, jejum), da qual falei relativamente pouco, está longe de ser inútil. Sua utilidade consiste na maior compreensão que ela estimula de quem nós somos interiormente. Mais tarde, ela engendrará uma mais profunda simpatia pelo nosso próximo, suas necessidades e uma maior disponibilidade em ir ao encontro destas necessidades. Finalmente, a ascese corporal afirma que o corpo não é sua própria satisfação, não é uma máquina de prazeres, mas que o corpo também é ordenado a Deus e anseia por Ele como sua realização. “Minha carne também vos deseja, como terra sedenta e sem água”.
2. A humildade para conosco mesmos se transforma em a) caridade, em relação a nosso próximo, e em b) contemplação, em relação a Deus. Bernardo chama isto de “o banquete de três pratos”. Penso que sua contribuição mais interessante, influenciado por Bento, é o lugar central (= no meio) da caridade fraterna. Para Evágrio e Cassiano, a liberdade das paixões nos torna capazes para o salto ascendente da caridade divina. A humildade para eles é o portal para o amor de Deus, mais do que para o próximo. Bernardo é incapaz de passar por cima do próximo no processo de busca de união com Deus. Para ele, isto seria o equivalente do sacerdote e do fariseu na parábola do bom samaritano que atravessam a rua para evitar deter-se em prestar cuidados ao homem atacado pelos ladrões e assim correr o risco de chegar atrasado para o serviço litúrgico no templo.
3. A liberdade das paixões não tem a mesma importância para Bernardo como para seus predecessores monásticos. Ou eles eram mais radicais do que ele neste tema, ou mais otimistas. Em qualquer caso, eles achavam, que era possível e indispensável libertar o ego da dominação de todos os oito pensamentos passionais. Num sermão sobre a vigilância do coração, Bernardo concorda que seria muito desejável ter um coração inteiramente tão livre. Imediatamente depois, entretanto, ele observa: “Deve-se lembrar que não há nada mais próximo de um coração puro do que um coração contrito e humilhado”. Ele tinha muita consciência de que a perfeição moral deixa-se muito facilmente tentar pela soberba e estava totalmente convicto de que a experiência de nosso próprio nada, um nada perdoado, amado e sustentado por Deus constitui o verdadeiro alicerce da vida espiritual (anedota: *Na Infinity of Little Hours*: cartuxo/ cisterciense).
4. Finalmente, as três pessoas desta palestra – eu, você, Deus – não foram dadas em ordem de importância, nem crescente nem decrescente. Ontologicamente, sim, Bernardo seria o primeiro a admitir que Deus vem antes e acima de todas as coisas. Mas existencialmente, elas são todas igualmente presentes, igualmente necessárias. E o eu sai de si mesmo em autocompreensão, reconhecimento de sua dignidade e finitude e fé em seu ser amado e aceito por Deus. Ele sai de si rumo ao próximo em compaixão, em serviço e numa percepção de que todos juntos somos aquilo que os Padres chamam de “o grande Adão”, uma única pessoa trans-humana que tem por objetivo cuidar de si mesma e amar a si mesma (e haverá um só Cristo, amando-se – Agostinho). E ela sai rumo a Deus em desejo e lembrança de Deus, sempre na esperança de captar um vislumbre Dele, por mais parcial, por mais passageiro, conforme o versículo favorito das Escrituras de S. Bernardo, tirado do Sl 72: *Mihi adhaerere Deo bonum est*. “Estar próximo a Deus é a minha felicidade” (*It is good for me to be near God*). Viver de modo verdadeiro na presença destas três pessoas é um caminho para a identidade humana e cristã. Ou não seria mais correto dizer que ele é o *por em prática* de nossa identidade humana e cristã?